FORMAÇÃO DA DOCÊNCIA PARA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

LILIANE HIROMI KUSHIMIJO MATHEUS

RESUMO

A educação superior de muitas faculdades e universidades ainda está presa na metodologia tradicional de ensino, com processos de avaliação entre números de erros e acertos, com imposição da disciplina e autoridade, devendo ser repensado o fazer didático. Quando a sociedade não tinha avanços, com o ensino rudimentar, havia explicação para o docente com uma postura de memorização de informação, mudando todo contexto no contemporâneo. A didática para aprendizagem no ensino superior surge por novas abordagens e novas metodologias, objetivando o conceito para uma aprendizagem voltada para uma realidade social. O ensino superior, pelo nível de responsabilidade, deve mudar práticas e conceituações de ensino.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Didática. Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

Há muitas formações hoje no campo docente, mas ainda é preciso rever muitas práticas de ensino, renovar metodologias e criar possibilidades dos alunos aprenderem e utilizar os conhecimentos de forma evolutiva. Ser docente não é apenas buscar para aprender, mas variar as práticas de ensino.

O objetivo geral do trabalho é verificar a docência no contemporâneo do ensino superior para aprendizagem e os objetivos específicos, analisar o ensino no modo tradicional e verificar possibilidades de aprendizagem diante da didática.

Desta forma, como é possível o professor mudar práticas tradicionais para focar na aprendizagem dos alunos?

O estudo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica voltados para a Didática no Ensino Superior e suas metodologias.

ENSINO SUPERIOR NO MODO TRADICIONAL

De acordo com Chinalia, Godinho e Castro (2014) a educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência do saber de uma geração a outra, sem que haja algum modelo de ensino formal e centralizado, pois a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida, que transporta de uma espécie para outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécies, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

Chinalia, Godinho e Castro (2014) considera que o sistema escolar, sendo um sistema imerso em um sistema maior, a sociedade, deve ser compreendido como parte dessa sociedade e com o objetivo de formação integral do homem, que faz parte dessa sociedade, ou seja, todo sistema escolar é montado para cumprir uma função social, com os objetivos para expressar os anseios, as aspirações, os valores, os conceitos e as tradições da própria sociedade.

Na Pedagogia Tradicional valoriza-se a memorização onde o aluno apenas realiza as atividade de forma mecânica não leva em consideração as individualidades, o saber reflexivo do aluno. O saber a ser transmitido pelo professor deve ser aquele que é considerado um saber ideal na formação intelectual do homem, não é levado em conta a contextualização da realidade social, ou seja, os conteúdos são passados de acordo com as necessidades cultural do aluno. O relacionamento do professor com o aluno é autoritário, onde o professor ensina e o aluno aprende. O aluno assimila tudo passivamente, sem questionamentos, sem um aprofundamento reflexível, isto porque para a Pedagogia Tradicional, o professor é o detentor do saber. O principal método de ensino é a exposição verbal de conteúdos pelo professor. (SANTOS; PERIN, 2013, p. 8).

Correia e Goes (2013) coloca que a docência, compreendida entre o passado e o contemporâneo, traz resquícios no presente, como transmissão de conhecimentos pelo professor, necessitando de mudanças, não só de concepção acerca de sua função, mas também de ações práticas para que adequações sejam efetivadas, sugerindo a necessidade do professor assumir um papel de mediador entre os conhecimentos dos alunos e suas informações científicas que dispõe, relacionando os também com o mercado virtual.

Santos e Perin (2013) coloca que na pedagogia tradicional o processo de avaliação da aprendizagem é realizada através de provas orais, escritas e tarefas de casa às quais eram atribuídas notas pelo professor, que avaliava apenas o desempenho conforme o número de acertos, visando apenas a nota, nos quais os alunos eram considerados iguais e as particularidades não eram respeitadas, dessa forma, muitos não conseguiam avançar e ficavam desestimulados em prosseguir os estudos, sentiam-se excluídos do sistema.

Desse modo, percebe-se que o professor não se preocupava com a qualidade de ensino e sim com a quantidade de conteúdos repassados. Não visava o desenvolvimento crítico do aluno, uma formação integral nem as particularidades de cada um, tornando o ensino uma conquista de poucos.

(SANTOS; PERIN, 2013, p. 9).

Assim, conforme Rodrigues, Moura e Testa (2011) existe uma centralidade do professor no processo de ensino-aprendizagem, que fca evidenciado na organização física da sala de aula, onde é encontrado carteiras dos alunos dispostas em colunas e, bem ao centro, a mesa do professor, mostrando-se um ponto de uma visão ampla de todo o corpo estudantil, impondo, assim, sua disciplina e autoridade.

Grando e Macedo (2017) questiona que na metodologia do ensino tradicional existia grande cobrança de disciplinamento de alunos e professores por parte das instituições que refetia em pouca chance de exposição de ideologias, além dos conteúdos preestabelecidos, nos quais as instituições submetiam os professores a rigorosos controles de comprimento de metas colocando a escola em um modelo de ensino infexível e dogmático referente aos conteúdos e comportamento e forma de ensinar.

Em um ensino tradicional, baseado na transmissão de conteúdos, o estudante tem uma postura passiva diante dos processos de ensino e de aprendizagem, tendo a função de receber e absorver uma quantidade enorme de informações apresentadas pelo docente. Muitas vezes, não há espaço para o estudante manifestar-se e posicionar-se de forma crítica. (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 274).

Logo, Almeida (2015) o fazer didático que deve ser aplicado possibilita a refexão em relação a cada situação de aprendizagem, partindo da realidade em que professor e aluno estão inseridos e expandindo essa aprendizagem para outras realidades e meios sociais, para que o discente detenha as variadas formas de vivência e habilidades.

Grando e Macedo (2017) consideram o fato de que as primeiras associações humanas tinham formas de transmissão do conhecimento, ainda muito rudimentar colocando evidente porque as gamas de conhecimento e informações das sociedades primitivas também o eram, nos quais ocorreu a melhoria das técnicas de produção e sua consequente progressão linguística, fazendo com que as metodologias de ensino dos saberes culturais também fossem melhorando.

Na educação básica de ensino a postura do professor está voltada para uma forma de diálogo e de mediação. O aluno deve participar das aulas, tendo em vista que o docente ali presente não é o detentor do conhecimento e que a sua presença na aula é uma forma de incentivar o discente a desenvolver ou despertar o interesse pelos conteúdos e colocá-los em prática. Contudo, ao ingressar no ensino superior, a realidade é diferenciada da vivida por ele na educação básica. (ALMEIDA, 2015, p. 4).

Almeida (2015) afrma que a postura do professor na sala de aula deve ser democrática, de respeito mútuo e de fexibilidade em relação ao ponto de vista do aluno, sabendo associar sua mediação ao conhecimento dos discentes, ampliando esse conhecimento de forma a somar com o já adquirido pelo aluno no meio social em que vive, sendo importante saber qual é a visão do aluno em relação a um determinado assunto, pois é dessa forma que o professor mediador constituirá um caminho para ampliar esse ponto de vista ou até mesmo reverter essa ideia que poderá ser equivocada.

Diesel, Baldez e Martins (2017) que há contínuas e rápidas mudanças da sociedade contemporânea trazem em seu bojo a exigência de um novo perfl docente, havendo a urgente necessidade de repensar a formação de professores, tendo como ponto de partida a diversidade dos saberes essenciais à sua prática, transpondo, assim, a racionalidade técnica de um fazer instrumental para uma perspectiva que busque ressignifcá-las, valorizando os saberes já construídos, com base numa postura refexiva, investigativa e crítica.

Logo, conforme os autores, é possível inferir que os saberes necessários ao ensinar não se restringem ao conhecimento dos conteúdos das disciplinas, pois quem leciona sabe muito bem que, para ensinar, dominar o conteúdo é fundamental, mas reconhece também que este é apenas um dos aspectos do processo, tornar-se professor é constituída de diferentes saberes imbricados de concepções históricas.

Com efeito, é ainda muito comum a influência do método tradicional de

ensino, centrado no docente e na transmissão de conteúdos, em que os estudantes mantêm uma postura passiva, apenas recebendo e memorizando as informações numa atitude de reprodução. (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 270).

Logo, conforme Diesel, Baldez e Martins (2017) assegura-se que um dos caminhos viáveis para intervir na realidade que resida em oportunizar aos professores uma refexão na e sobre a sua prática pedagógica, a fm de que possam construir um diálogo entre suas ações e palavras, bem como outras formas de mediação pedagógica.

DIDÁTICA PARA APRENDIZAGEM

De acordo com Chinalia, Godinho e Castro (2014) o processo de ensino pode ser entendido como uma sequência de atividades do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, por meio dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas, com signifcados de um trabalho pedagógico que envolve, dentre outras ações, a organização de procedimentos e recursos didáticos que favoreçam o desenvolvimento intelectual do aluno, proporcionando-lhes meios para que assimile os conhecimentos, colocando a busca por metodologias de ensino efcientes e desafadoras, portanto, como uma das temáticas de estudo da Didática.

Deste modo, Chinalia, Godinho e Castro (2014) relata que com base em alguns critérios básicos, os professores podem escolher o melhor caminho para nortear suas ações pedagógicas, pois, ao entender a metodologia de ensino como o estudo de métodos didáticos para o desenvolvimento organizado do trabalho pedagógico, aumenta-se a probabilidade de se desenvolver uma ação educativa competente e segura em relação aos propósitos desejados para o processo educacional com foco na aprendizagem.

No contexto educacional contemporâneo, a escolha de metodologias de ensino adequadas à aprendizagem de um determinado conteúdo vem ganhando destaque, pois se confgura como um conjunto de ações e de estratégias que auxiliarão os alunos a incorporarem novos conhecimentos de forma ativa, compreensiva e construtiva, estimulando sua inteligência. Assim, o professor tem como função coordenar e facilitar o processo de reconstrução do conhecimento por parte do aluno. (CHINALIA; GODINHO; CASTRO, 2014, p. 120).

Assim, conforme Chinalia, Godinho e Castro (2014) a partir dos procedimentos, verifca-se que o processo ensino/ aprendizagem é construído pela interligação entre teoria e prática e, ao mesmo tempo, proporciona aos alunos um modo signifcativo de assimilação crítica dos conhecimentos sistematizados, podendo dizer que o professor faz uso de uma metodologia de ensino adequada e efcaz quando ele domina procedimentos e recursos didáticos, pois as metodologias.

Os recursos didáticos aqui apresentados permeiam a utilização de atividades teóricas, práticas e teórico-práticas no cotidiano escolar, visando trazer para a sala de aula recursos didáticos metodológicos que favoreçam a aprendizagem produtiva e signifcativa. Também, esperamos que esses recursos didáticos, aqui apresentados, possam auxiliar o professor a desenvolver o processo ensino-aprendizagem no sentido de oferecer aos alunos situações que lhes permitam construir e reconstruir os conhecimentos de maneira prazerosa e signifcativa. (CHINALIA; GODINHO; CASTRO, 2014, p. 121).

Por isso, conforme Chinalia, Godinho e Castro (2014) é necessário a necessidade do professor selecionar diferentes recursos didático-metodológicos, analisando os objetivos propostos e a natureza dos conteúdos estudados, devendo sempre eles favorecer a compreensão, a assimilação e construção do conhecimento por parte do aluno.

Chinalia, Godinho e Castro (2014) coloca que como forma didática, os livros didáticos são valiosas fontes de informação, e o uso do livro didático desperta nos alunos o gosto pela leitura, é por meio do livro didático em sala de aula que o professor irá desenvolver no aluno o hábito de estudar sozinho para se informar e resolver problemas, o que os levará a adquirir independência.

Quanto aos jogos, Chinalia, Godinho e Castro (2014) aponta que ao fazer uso de jogos na sala de aula, o professor cria uma atmosfera de motivação que permitirá aos alunos participarem ativamente do processo ensino-aprendizagem, assimilando experiências e informações e, sobretudo, incorporando-as para a formação de atitudes e valores, havendo um valor formativo, já que a estrutura do jogo designa o estabelecimento de interação, favorecendo a formação de atitudes sociais, como o respeito mútuo, a cooperação, a obediência às regras, o senso de responsabilidade e iniciativas pessoais e grupais.

Para atender a essas expectativas, é de extrema importância que os jogos e brincadeiras sejam utilizados no espaço escolar de maneira correta e proveitosa, implicando, assim, que o professor faça um planejamento para sua utilização, integrando sua dupla funcionalidade (os aspectos lúdico e pedagógico), pois o uso dos jogos e na sala de aula não podem ser considerados atividades improvisadas, ao contrário: quando utilizados como recursos didático-metodológicos, deverão fundamentar-se em atividades bem defnidas, de acordo com os objetivos educacionais pretendidos. (CHINALIA; GODINHO; CASTRO, 2014, p. 127).

Conforme Correia e Goes (2013) o docente precisa repensar suas concepções e práticas, buscando compreender se o que pensam e fazem estão de acordo com a realidade de sua sala de aula, ocorrendo uma necessidade de mudanças, sendo preciso que sejam amparados por teóricos para que suas novas práticas sejam embasadas por conhecimentos científcos lógicos e possíveis, devendo as universidades repensarem sua função.

Santos e Perin (2013) questiona que o professor em sua ação pedagógica tem por fnalidade criar condições para o desenvolvimento das áreas afetivas, cognitivas, física e social do aluno, bem como, apoiar, orientar e mediar o conhecimento do mesmo, mas para que isso aconteça é necessário que o

mesmo tenha conhecimentos teóricos metodológicos para que sua prática seja efetivada, a teoria além de seu poder formativo dota os sujeitos de pontos de vista variados sobre a ação contextualizada.

Estas novas competências demonstram a necessidade de alterar a nossa percepção e a forma de nos relacionar com o mundo circundante, modifcando a abordagem mecanicista, fragmentada, competitiva e hegemônica para uma abordagem sistêmica, holística, cooperadora e integradora. E compreender que os problemas enfrentados pela humanidade atual já não podem ser entendidos separadamente, mas, sim, de uma forma interligada, interdependente e contextualizada. (GEMIGNANI, 2012, p. 3).

Rodrigues, Moura e Testa (2011) relata que na escola de hoje, o professor é um facilitador, estando mais próximo de seus alunos e aberto ao diálogo, como um organizador do espaço da sala de aula, o conhecedor dos objetivos e dos conteúdos da disciplina, o professor se torna responsável pela escolha das técnicas mais adequadas para o correto desenvolvimento dos trabalhos didáticos e o planejador das atividades discentes em sala avaliando constantemente todo processo.

O grande desafo deste início de século é a crescente busca por metodologias inovadoras que possibilitem uma práxis pedagógica capaz de ultrapassar os limites do treinamento puramente técnico e tradicional, para efetivamente alcançar a formação do sujeito como um ser ético, histórico, crítico, reflexivo, transformador e humanizado. (GEMIGNANI, 2012, p. 1).

Deste modo, conforme Gemignani (2012), as perspectivas de uma educação vai exigir mudanças didáticas nos currículos, pois estes estão sobrecarregados de conteúdos insufcientes para a vida profssional, já que a complexidade dos problemas atuais exige novas competências além do conhecimento específco, tais como: colaboração, conhecimento interdisciplinar, habilidade para inovação, trabalho em grupo, educação para o desenvolvimento sustentável, regional e globalizado.

Logo, Gemignani (2012) relata que a Universidade deve ser o lugar onde o estudante possa adquirir habilidades educacionais, profssionais, analíticas e de trabalho, ou seja, saiba utilizar o pensamento científco, no qual a avaliação deve ter como objetivo ajudar o estudante a amadurecer e melhorar de forma constante, necessitando identifcar suas qualidades e facilitar o processo de reconhecimento das suas debilidades, sendo fundamental nesse processo que o docente leve o estudante a desenvolver habilidades analíticas que lhe permitirão planejar a correção de suas defciências, assim como desenvolver novas estratégias de trabalho.

Para isso, Gemignani (2012) relata que há a necessidade de formar professores que aprendam a pensar, a correlacionar teoria e prática, a buscar, de modo criativo e adequado às necessidades da sociedade, a resolução dos problemas que emergem no dia-a-dia da escola e no cotidiano, nos quais eles estejam aptos a agregar para si transformações em suas práticas, já que o método tradicional tem se mostrado inefcaz e inefciente em função das exigências da realidade social, da urgência em ampliar o acesso escolar e cultural da classe menos favorecida dado o avanço tecnológico e científco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do ensino superior ter grandes conteúdos específcos, no contemporâneo é possível estar acessível a muitos conteúdos, devendo o docente da educação superior mediar os conhecimentos de forma construtiva.

O docente deve repensar nos recursos didáticos que favoreçam o desenvolvimento intelectual do aluno, proporcionando-lhes meios para que assimile os conhecimentos, colocando a busca por metodologias de ensino efcientes e desafadoras, com propósitos desejados para o processo educacional com foco na aprendizagem, construindo uma interligação entre teoria e prática.

São muitos recursos didáticos, no qual o docente deve utilizar de várias formas, dependendo do conteúdo a ser assimilado, estando de acordo com a realidade da sala de aula.

O docente hoje torna-se um facilitador, estando mais próximo de seus alunos e aberto ao diálogo, como um organizador do espaço da sala de aula, conhecedor dos objetivos e dos conteúdos da disciplina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hélio Mangueira de. A didática no ensino superior: práticas e desafos. Juiz de Fora: Estácio, Estação Científca, 2015.

CHINALIA, Fabiana; GODINHO, Marília Gomes; CASTRO, Letícia Fonseca Reis Ferreira de. Políticas, Didática e Alfabetização. Ribeirão Preto: Uniseb interativo, 2014.

CORREIA, Larissa Costa; GOES, Natalia Moraes. Docência universitária: desafos e possibilidades. Universidade Estadual de Londrina, 2013.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. Lajeado, RS: Centro Universitário Centro Universitário Univates, 2017.

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. Recife: Revista Educação, 2012.

GRANDO, Jaison; MACEDO, Marcio de. Adaptação: o contraste entre o ensino tradicional e a interferência da era digital no processo de ensino. Uniedu, 2017.

RODRIGUES, Leude Pereira; MOURA, Lucilene Silva; TESTA, Edimárcio. O tradicional e o moderno quanto à didática no ensino superior. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.4, n.3, Pub.5, Julho 2011

SANTOS, Maria Lucia dos; PERIN, Conceição Solange Bution. A importância do planejamento de ensino para o bom desempenho do professor em sala de aula. Paraná: Cadernos PDE, 2013.